

# Poesia novilatina nos trópicos: o nativismo embrionário de Anchieta em *De gestis Mendi de Saa*

## Neo-Latin Poetry in the tropics: Anchieta's embryonic nativism in *De gestis Mendi de Saa*

FÁBIO FROHWEIN DE SALLES MONIZ (*Universidade Federal do Rio de Janeiro — Brasil*)<sup>1</sup>

**Abstract:** Anchieta sought, in *De gestis Mendi de Saa*, to eternalize the action of the Portuguese in Brazilian lands. Apart from this historical argument, his epic provides descriptions of the Indians and the nature that have been regarded as the starting point of nativist poetry. Such descriptions are not consensual in terms of the standpoint adopted by the poetic voice. They reveal both objective and subjective undertones. Hence, these discrepancies represent a peculiar feature of Anchieta's nativist poetry which critics have considered as an embryonic nativism.

**Keywords:** New-Latin poetry; Renaissance Latin; José de Anchieta; *De gestis Mendi de Saa*; nativism; indigenous representation.

Anchieta não foi apenas autor de epopeia, mas personagem digno de epopeia, como José de Alencar chegou a afirmar. Quando, em 1856, publicou, no jornal fluminense *Diário do Rio Janeiro*, suas críticas ao poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, o escritor cearense afirmou que nunca perdoaria o pioneiro do Romantismo brasileiro ter deixado

*passar pelo seu poema, como uma sombra vaga e esvanecida, aquele vulto majestoso de José de Anchieta, aquele apóstolo digno de ser cantado por Homero, e esculpido por Miguel Ângelo; o herói missionário, que dava tema a uma grande epopeia, representa apenas no poema o papel de um bom frade.*<sup>2</sup>

Tratava-se da quarta de um total de oito críticas intituladas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, reunidas em livro ainda em 1856. A reclamação de Alencar, no entanto, merece reparo. Não é que Gonçalves de Magalhães tivesse conferido menos importância a Anchieta em sua epopeia. Sem dúvida alguma, o missionário jesuíta constitui uma das personagens mais bem talhadas e fundamentais da epopeia romântica. Por outro lado,

---

Texto recebido em 15.11.2013 e aceite para publicação em 10.02.2014.

<sup>1</sup> fabiofrohwein@gmail.com.

<sup>2</sup> ALENCAR (1856) 47.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 16 (2014) 189-203 — ISSN: 0874-5498

o método de crítica adotado por Alencar consistia menos em escrever um juízo d'*A Confederação dos Tamoios* do que

*as ideias que me produziu a leitura do livro, [...] fazendo as minhas reflexões pela mesma ordem em que o meu espírito as formulou.*<sup>3</sup>

Em outras palavras, Alencar não tencionava produzir críticas avulsas ao texto integral da epopeia, mas comentários canto a canto, como um diário de bordo de impressões suscitadas pela leitura. Assim sendo, a quarta carta ou crítica remete pontualmente ao canto sétimo d'*A Confederação dos Tamoios*. A obra de Gonçalves de Magalhães, por sua vez, apresenta dez cantos, em que a presença de Anchieta é cada vez mais expressiva. Sirva de exemplo a passagem, do mesmo canto sétimo comentado por Alencar, em que se evidencia o envolvimento de Anchieta com os índios:

*O padre é Português, ou é selvagem?! Que anda aqui contra nós sempre braçando, / Sempre a favor de uns animais sem alma?*<sup>4</sup>

Para além de acertos e erros do crítico Alencar, o que se evidencia não só na quarta carta, bem como em outras, é uma reivindicação que está de acordo com a estima de que Anchieta gozava junto a vários autores românticos brasileiros, inclusive do próprio Gonçalves de Magalhães. Assim é que, duas gerações após a polémica das *Cartas sobre A Confederação dos Tamoios*, Fagundes Varela escreveria, em 1871, *Anchieta ou O evangelho das selvas*, poema narrativo em dez cantos dedicado ao missionário jesuíta, que ensinou “aos povos do deserto a lei sublime! que ao reino do Senhor conduz os seres”.<sup>5</sup> O Romantismo brasileiro, portanto, manifestava devoção por Anchieta, seja como o personagem histórico atuante em momentos decisivos no Brasil quinhentista, seja como o artífice da palavra, que legou rica herança literária aos poetas locais:

*As poesias em tupi não são tão desprovidas de interesse que não se perceba nelas certo espírito nativista embrionário, com uma débil e inicial acentuação da paisagem, o que faz com que não seja absurdo afirmar que o apóstolo de Piratininga foi um dos*

---

<sup>3</sup> ALENCAR (1856) 5.

<sup>4</sup> MAGALHÃES (1994) 150.

<sup>5</sup> VARELA (1902) 17.

*primeiros poetas e escritores que levantaram o material temático do Romantismo, elevando o selvagem e a abrupta paisagem americana a categoria estética.*<sup>6</sup>

O que mais impressiona no *status* literário de Anchieta junto aos românticos é o fato de que, no rol dos poemas que contribuíram para que a obra do poeta jesuíta granjeasse valor crítico, não se incluía, até então, a epopeia *De gestis Mendi de Saa* (DGMS), uma vez que sua *editio princeps*, de 1563, permaneceu desconhecida até o séc. XX. Certamente, se o séc. XIX houvesse conhecido esse poema, Anchieta teria sido considerado pelos próprios românticos o pai da literatura nativista, e Ferdinand Denis não afirmaria, em seu *Resumo da história literária do Brasil*, que

*é completamente ocioso pretendermos descobrir poetas, antes do princípio do séc. XVII, que tenham merecido honrosa citação. Os primeiros tempos, após o Descobrimento, foram gastos em tantas atividades guerreiras e tão penosos trabalhos, que não houve quem se ocupasse, em especial, da literatura propriamente dita.*<sup>7</sup>

Em linhas gerais, DGMS é uma epopeia histórica e tem por argumento a vitória do exército português sobre os franceses, que implantaram uma incipiente colônia, a França Antártica, na baía de Guanabara, local em que viria a se desenvolver a atual cidade do Rio de Janeiro. Os acontecimentos narrados no DGMS ocorreram no intervalo de 1557, quando Mem de Sá chegou ao Brasil, a 1560, ano da vitória lusitana no Rio de Janeiro. O poema propriamente dito encontra-se organizado em quatro livros com 3.058 versos hexâmetros dactílicos, além de uma *Epistula nuncupatoria* (Epístola Dedicatória), de 108 versos, em dísticos elegíacos, e de um *Appendix ad illustrem Mendum de Saa*, de 48 versos também hexâmetros dactílicos, totalizando o conjunto da obra 3.214 versos.

O primeiro livro narra a atuação de Fernão de Sá, filho do governador-geral Mem de Sá, que enfrenta índios revoltosos na vila do Espírito Santo. Os indígenas são vencidos pelos portugueses, mas Fernão, o comandante da tropa, morre na batalha travada no rio Cricaré. O livro começa com a proposição e invocação; depois passa a descrever o cenário, características de Mem de Sá e a capitania do Espírito Santo. Narra os preparativos e conselhos do governador-geral ao seu filho para o enfrentamento contra

---

<sup>6</sup> MOREJÓN.

<sup>7</sup> DENIS (1968) 41.

os índios. Embora a expedição não conte com um grande contingente, o discurso de Fernão redobra os ânimos dos soldados para a batalha de Cricaré. Ocorrem, assim, ataques a três fortificações indígenas, em meio a avanços e recuos dos portugueses, sempre entusiasmados com a bravura de Fernão, que ao fim e ao cabo é morto em combate, não sem conduzir os companheiros à vitória. A tropa retorna às bases para os funerais do seu chefe, trazendo a trágica notícia a Mem de Sá.

No segundo livro, Anchieta dedica especial atenção aos feitos de Mem de Sá, iniciando com o elogio da personalidade do herói. Narra o castigo imposto ao chefe indígena Cururupeba, punição que aterroriza os índios e leva-os a mudarem de costumes, reorganizados em quatro aldeias e obedientes às leis determinadas por Mem de Sá. Os índios, assim, são forçados a se ajustar a um novo sistema de valores. Pacificada a região do Espírito Santo, são construídas as igrejas de São Paulo, de Santiago, de São João e do Espírito Santo. A paz, no entanto, rompe-se com o levante de Ilhéus, exigindo de Mem de Sá nova intervenção armada. Recomeça a luta contra os índios, que, pela segunda vez abatidos pelas forças lusitanas, são derrotados e pedem a paz.

No livro terceiro, voltam as hostilidades entre portugueses e indígenas: três pescadores lusitanos são presos e mortos por índios. Embora Mem de Sá exija que os assassinos sejam entregues, os índios se recusam inicialmente a obedecer a ordem do governador-geral. As batalhas recomeçam, com a destruição de fortificações indígenas, até que os índios, finalmente, entregam os assassinos dos pescadores. Após esse episódio, o poema narra o naufrágio e morte de d. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, que sobreviveu ao afundamento de seu navio em meio a uma tempestade, mas foi devorado, juntamente com tripulantes e passageiros, por índios caetés, ao buscar abrigo na praia. Tendo se voltado, em princípio, à guerra contra os caetés, como punição pela morte do bispo Sardinha, Mem de Sá recebe, de Portugal, ordens de se deslocar para o Rio de Janeiro e de se ocupar dos franceses, que haviam construído a fortaleza de Coligny, na ilha de Villegaignon, situada na baía de Guanabara.

No quarto e último livro do *DGMS*, ocorre o clímax da epopeia, isto é, o enfrentamento entre portugueses e franceses. Mem de Sá tenta evitar uma

batalha, enviando embaixadores ao general francês Bois-le-Comte. O governador-geral, no entanto, não consegue dirimir a questão por meio da diplomacia e, com auxílio de reforços trazidos de São Vicente e de índios temiminós, vence os franceses e os tamoios na praia do Flamengo, episódio que encerra os acontecimentos narrados pela epopeia de Anchieta, finalizada com um hino a Cristo Rei.

Embora Anchieta tivesse objetivado no *DGMS*<sup>8</sup> narrar *uirtutes summi diuinaque gesta Parentis, / et nomen, Rex Christe, tuum; tua facta decusque / et laudes*,<sup>9</sup> centrando-se, assim, na ação portuguesa em terra brasílica, a epopeia adquiriu importância também em função do registro poético dos indígenas e da natureza brasílica. *DGMS* apresenta, assim, uma série de descrições dos índios, tanto de suas vestimentas, acessórios, armas e utensílios, quanto de seus costumes. Tais descrições, no entanto, não se mostram unívocas no que diz respeito ao comportamento do eu poético — há momentos em que se verifica uma posição próxima à neutralidade, e a descrição assume caráter mais objetivo, contrastando com outras passagens em que se observa acentuada carga de subjetividade.

É o que ocorre, por exemplo, nos passos 1.318-340 e 2.1096-1135.<sup>10</sup> O primeiro trecho corresponde aos preparativos dos índios para a batalha de Cricaré, quando guerreiros de várias tribos se reúnem em três fortificações:

---

<sup>8</sup> Para estudos mais aprofundados acerca da obra, consultar, entre outros: *Actas do Congresso Internacional "Anchieta em Coimbra — 450 anos. Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (1548-1998)"*; *Actas do Encontro Internacional "Nóbrega Anchieta. Do Colégio das Artes de Coimbra ao abraço no Brasil"*. Não podemos deixar de referir também a tese de Doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Leonardo Kaltner sobre o IV livro do *DGMS* — KALTNER (2009).

<sup>9</sup> *As glórias do Pai celeste e sua força divina e teu nome, ó Cristo Rei, e teus feitos gloriosos*. Tradução de Pe. Armando Cardoso: ANCHIETA (1970).

<sup>10</sup> *A editio princeps* (1563), republicada em edição fac-similar (1997) pela Fundação Biblioteca Nacional, apresenta lacunas, entre as quais um extenso trecho do v. 179 ao 819 do livro I, que compreende o primeiro passo aqui traduzido e analisado. Em razão disso, preferimos adotar o texto da obra estabelecido por Pe. Armando Cardoso em ANCHIETA (1970), que recuperou os versos omitidos na *editio princeps*, com base no manuscrito localizado na vila de Algorta, Espanha. Para maiores informações sobre manuscritos e edições de *DGMS*, conferir CARDOSO (1970).

*Huc omnis iuuenum legio, quibus acrior intus  
 Sanguinis ardor erat bellique cupido nefandi,  
 Contulit arma ferox, arcus celeresque sagittas  
 Lignaue picta auium pennis, quae barbara ferro  
 Spumiferique dolat peracuto dente politique  
 Dextra suis, gestatque feros crudelis in usus;  
 Et direpta ferarum immania tergora costis,  
 Durata ad solem, scuta horrida et inuia telis.  
 Omnes uestiti patrio robusta colore  
 Membra: genas illi et frontem mediasque rubenti  
 Turparunt suras; hi nigro corpora sulco  
 Pingentes totos diuersis nexibus artus,  
 Et picto ueras imitantes corpore uestes;  
 Vt quas artificis pulchra solet arte Mineruae  
 Pingere acu tunicas solertis dextera, ual quae  
 Retia multiplici textit subtilia filo.  
 Pectora centum alii uariarum ac terga uolucrum  
 Nudarunt pinnis, quas infecere colore  
 Diuerso, aptantes uisco lita corpora circum;  
 Ornarunt alis auium capita ardua multi,  
 Plurima pendentes pexo redimicula crine;  
 Atque alios aliosque habitus per nuda dedere  
 Membra feri, horribiles uisu, uultuque minaces.*

*Ali, toda a feroz legião de jovens, que tinham, no âmago, o mais violento desejo de morte e a vontade de uma guerra nefanda, reuniu armas, arcos, flechas ligeiras e tacapes enfeitados com penas de pássaros, armas que a mão bárbara talha com o ferro e lapida com o dente agudo do javali e que leva nos cruéis hábitos selvagens; e terríveis couraças arrancadas dos dorsos de feras, endurecidas ao sol, escudos medonhos e impenetráveis aos dardos. Todos ornaram os membros robustos com a cor de sua tribo: uns tingiram de vermelho os olhos, a fronte e metade das pernas; outros enfeitaram os corpos com um risco preto, pintando todos os membros com diversos entrelaçamentos e imitando, no corpo pintado, verdadeiros tecidos; assim como as túnicas que a hábil agulha do destro artífice costuma bordar, conforme a bela arte de Minerva, ou como as delicadas redes que tece com fio variegado. Outros despiram peitos e dorsos de cem aves variadas das penas que tingiram de cor diversificada, prendendo ao corpo untado com visgo ao redor; muitos ornaram os topos das cabeças com asas de aves, pendurando vários cordões no cabelo penteado; e os selvagens ameaçadores apresentaram muitos trajés, assustadores de serem vistos, pelos membros nus e no rosto.<sup>11</sup>*

---

<sup>11</sup> Tradução literal nossa.

A outra passagem integra o segundo livro e assinala a mudança de costumes dos índios, após serem submetidos por Mem de Sá e reorganizados em quatro aldeias:

*Ergo exempta fames, et sanguinolentus edendi  
 Pressus amor; cupidus liquit sitis improba fauces;  
 Primaque cunctorum radix et causa malorum,  
 In laudes clarumque decus compressa cupido  
 Hostibus a caesis noua sumere nomina honoris.  
 Iam mites discunt animos gestare, manusque  
 Abstinuisset necis, qui nuper sanguine fuso  
 Gaudebant, hominum carpentes dentibus artus.  
 Iam quos urebat Veneris furiosa libido,  
 Qui coeno immersi turpissima membra iacebant,  
 Multarum sociata toris, informe, sues ceu,  
 Adsciscunt unam, quae sit mansura cubilis  
 Perpetui consors, uincto sociata iugali,  
 Promissumque uiro seruet sine labe pudorem.  
 Quid referam quales olim celebrare solebant  
 Portando cantus? quantis clamoribus auras  
 Replebant; quali depicti membra colore;  
 Quam uariis auium uestiti corpora pennis?  
 Viderat hos croceis Aurora inuecta quadrigis  
 Potantes, clausoque diem uesper Olympo  
 Componens; nox atra, poli cum traicit alta  
 Culmina, et exoriens claro Venus altera caelo;  
 Et prius oceanis, ortus iam mane secundo,  
 Fluctibus abdiderat formosus Apollo iugales,  
 Abdere quam uentris cessarent gurgite uinum.  
 Quas ibi cernere erat sordes! quam turpia uisu!  
 Quos habitus gestusque uirum! Quo femina more  
 Porrigere assuevit lasciua pocula dextra!  
 Impletum exonerant stomachum, potata uomentes  
 Vina; bibunt iterum pleno de uentre uomenda;  
 Hic uomit, ille capit uomitum cratera bibitque:  
 Indigna adspectu facies! Ibi prisca suorum  
 Facta recensebant et turpia crimina auorum:  
 Hic ferus incendi bellorum et sanguinis ardor;  
 Hic feruere noua incerpenti humana cupido  
 Membra, nouis laceros tradenti uasibus artus  
 Suppositis flammis, figendi et frustra cruentis  
 Secta minutatim uerubus, mala denique cuncta*

*Patrandi sopitus amor iamiamque senescens  
His expergisci et ueluti iuuenescere uinis.*

*A fome foi logo suprimida e coibido o desejo sanguinolento de devorar; a sede improba deixou as ávidas gargantas; e foi contida a raiz primeira e causa de todos os males, o desejo de tomar, para louvores e célebre glória, novos títulos de honra a inimigos mortos. Aqueles que se regozijavam recentemente com o sangue derramado, arrancando membros dos corpos humanos com os dentes, aprendem agora a trazer os ânimos abrandados e a ter mantido as mãos afastadas do assassinio. Agora, aqueles a quem o furioso desejo de Vênus queimava, que, tendo mergulhado no lodaçal, jaziam quanto aos membros muito torpes, ligados nos leitos de muitas, como porcos, adotam uma para que haja de ficar como a companheira do leito eterno, ligada pelo vínculo conjugal e para que conserve, sem mancha, o pudor prometido ao marido. Para que mencionarei os cantos que outrora costumavam celebrar, bebendo? Com que gritos enchiam os ares; com que cor pintavam os membros; com quão variadas penas de aves cobriam os corpos? A Aurora, transportada pelos carros dourados, vira-os bebendo, e a tarde, estendendo o dia no fechado Olimpo; a negra noite, quando atravessou os altos cumes do céu, e uma outra Vênus, surgindo no céu claro; e o formoso Apolo, já nascido numa segunda manhã, escondera os carros nos oceanos, nas ondas, antes que eles terminassem de esconder o vinho no abismo do ventre. Que imundícies havia ali para se ver! que coisas torpes de se observar! Que comportamentos e gestos dos homens! Com que hábito a mulher acostumou-se a oferecer, com a mão, bebidas lascivas! Descarregam o estômago cheio, vomitando os vinhos bebidos; bebem novamente o que deverá ser vomitado do ventre cheio; este vomita, aquele apanha o vômito numa vasilha e bebe: espetáculo indigno de se olhar! Ali, contavam os feitos antigos e os torpes crimes de seus antepassados: ali, o desejo selvagem por incêndio, guerras e sangue; ali, o insólito desejo por ferver membros de corpos humanos em vasos estranhos, colocadas debaixo as chamas, e de trespassar, em espetos ensanguentados, partes de corpos dilaceradas e bocados cortados em pedacinhos, enfim a paixão por praticar todos os males, por despertar e rejuvenescer com estes vinhos extinta e desde já declinando.<sup>12</sup>*

Conforme mencionamos *supra*, as descrições não se verificam com o mesmo tom do eu poético e, antes disso, centram-se em aspectos distintos da realidade dos índios. Na primeira passagem, os elementos indígenas descritos são mormente armas (*arcus* e *sagitta*, v. 320; *lignum*, v. 321; *tergus*, v. 324; *scutum*, v. 325) e acessórios de indumentária, como as tintas com que os índios se pintam e assumem a cor de sua tribo (*colore patrio*, v. 326); como as penas de pássaros com que ornaram suas armas (*lignaue picta auium*

---

<sup>12</sup> Tradução literal nossa.



*pennis*, v. 321), corpos (*nudarunt pinnis, quas infecere colore/ diuerso, aptantes uisco lita corpora circum*, v. 335-336) ou cabelos (*ornarunt alis auium capita ardua multi*, v. 337); enfim, como os enfeites que penduram nos penteados (*plurima pendentes pexo redimicula crine*, v. 338).

Todos esses itens, concretos, servem de matéria-prima para Anchieta explorar a plasticidade na descrição dos indígenas, trabalhada com minúcia de detalhes, a exemplo da comparação das tatuagens, em formato de renda ou tecido ([...] *hi nigro corpora sulco/ pingentes totos diuersis nexibus artus,/ et picto ueras imitantes corpore uestes*, v. 328-330), com túnicas elaboradas pelo artífice inspirado na arte da deusa tecelã Minerva ou com delicadas redes (*ut quas artificis pulchra solet arte Mineruae/ pingere acu tunicas solertis dextera, ual quae;/ retia multiplici textit subtilia filo*, v. 331-333). A analogia com a tecelagem poderia ser alçada, ainda, ao nível metapoético, se levarmos em consideração que o próprio poema de Anchieta consiste num trabalho de tecelão que produz um tecido universalizante a partir de linhas de origens distintas e até antagônicas — símbolos da realidade indígena e do mundo clássico, que remetem tanto à mitologia (o episódio em que Minerva disputou com Aracne num certame de tecelagem), quanto à literatura (o v. 324 alude ao v. 211 do livro I da *Eneida*, de Virgílio, e o v. 332 remete ao v. 23 do livro VI das *Metamorfoses*, de Ovídio).

A segunda passagem, por sua vez, constrói-se com elementos não tão concretos e plásticos como os do primeiro excerto. Ao assinalar a mudança de hábitos dos índios, após a imposição do novo código de conduta, o eu poético relembra antigos costumes banidos por Mem de Sá como a antropofagia (*hominum carpentes dentibus artus*, v. 1103), a luxúria e a poligamia (*qui coeno immersi turpissima membra iacebant,/ multarum sociata toris, informe, sues ceu*, v. 1105-1106), a embriaguez (*uiderat hos croceis Aurora inuecta quadrigis/ potantes, clausoque diem uesper Olympo/ componens; nox atra, poli cum traicit alta/ culmina, et exoriens claro Venus altera caelo*; v. 1114-1117) e, por fim, a celebração de feitos criminosos dos antepassados em rituais ([...] *Ibi recensebant/ facta prisca et turpia crimina suorum auorum*, v. 1127-1128). Aqui, encontram-se também referências clássicas, inclusive mais numerosas do que no trecho anterior: mitológicas (o nascimento de Aurora, o advento de Apolo, o monte Olimpo, Vênus), o que confere plasticidade a

esse trecho do poema que, em princípio, não seria tão pontuado por elementos plásticos, já que trata de costumes indígenas; e ainda referências literárias — os v. 1108, 1114, 1115 e 1132 aludem respectivamente aos v. 16 (canto IV), 535 (canto VI), 374 (canto I), 212 (canto I) da *Eneida*.

Escusado dizermos que os recursos de linguagem empregados no DGMS são eminentemente clássicos, a começar pela escolha do próprio idioma: o latim. Embora alguns críticos tenham dúvidas de “*que o latim de Anchieta fosse do Renascimento*”,<sup>13</sup> a exemplo do filólogo português Leodegário de Azevedo Filho, abundam, além das referências a autores antigos apontadas acima, traços sintáticos característicos do latim clássico — padrão linguístico latino cultivado pelos humanistas da Renascença —, como ablativo absoluto (*hic feruere noua incerpenti humana cupido/ Membra, nouis laceros tradenti uasibus artus/ Suppositis flammis* [...], v. 129-131), genitivo objetivo (*sanguinis ardor*, v. 319), gerundivo pró-gerúndio (*bellique cupido nefandi*, v. 319), ablativo separativo de conformidade (*ut quas artificis pulchra solet arte Mineruae/ Pingere acu tunicas solertis dextera*, v. 31-32) e acusativo de relação (*qui coeno immersi turpissima membra iacebant*, v. 1105), um dos mais refinados empregos sintáticos de caso do latim clássico, que se generalizou “*en la época de Augusto por influencia grega*”,<sup>14</sup> recorrente na poesia de Virgílio, Horácio e dos elegíacos latinos.

Confrontadas as passagens selecionadas, verificamos que, no primeiro excerto, ganha relevo o Anchieta esteta, *alter ego* do naturalista de certa maneira fascinado com a plasticidade dos trajes e pinturas indígenas — patenteia-se aqui a sensibilidade de homem da Renascença. Na segunda passagem, porém, fala mais alto o Anchieta porta-voz da ideologia do dominador, cristã e urbana, isto é, fundada na importância da fé, na transcendência da carne e na necessidade da ordem.

Assim, os costumes originários dos índios são criticados e entendidos como um complicador para a transmissão de concepções civilizatórias e cristãs. Enquanto homem de cultura da Europa, Anchieta manifesta estranhamento frente a uma realidade distinta, transformando o homem brasileiro em símbolo desse universo diferenciado, ao mesmo tempo belo

<sup>13</sup> RAMALHO (1999a) 197.

<sup>14</sup> BASSOLS (1963) 49.

por sua plasticidade e condenável por seus hábitos. O índio, dessa maneira, acaba por se tornar elemento de fundação da identidade brasileira, que será retomado não só pelo Romantismo, no séc. XIX, mas ainda pelo Modernismo, no séc. XX, servindo de inesgotável manancial para a elaboração de uma extensa galeria de personagens indígenas tão diferenciadas esteticamente e ideologicamente como Peri, Iracema, Ubirajara, Macunaíma, Martim Cererê, entre outros. Em seu tempo, a literatura quinhentista levou os intelectuais do Renascimento europeu a debaterem sobre o comportamento do índio e a analisarem esse novo tipo de selvagem. Michel de Montaigne, no ensaio *Dos canibais*, revê o conceito de selvagem e a crítica europeia à antropofagia:

*Não me pesa acentuar o horror bárbaro que tal ação [antropofagia] significa, mas sim que tanto condenemos suas faltas e tão cegos sejamos para as nossas. Penso que há mais barbárie em comer um homem vivo que morto, dilacerar com tormentos e martírios um corpo ainda cheio de vitalidade, assá-lo lentamente e arrojá-lo aos cães e aos porcos, que o mordem e martirizam (como vimos recentemente, e não vemos, entre vizinhos e concidadãos, e não entre antigos inimigos, e, o que é pior, sob pretexto de piedade e religião) que em o assar e comer depois de morto.<sup>15</sup>*

Tendo estudado no Real Colégio das Artes de Coimbra,<sup>16</sup> recebendo influxos de uma educação centrada “nos propósitos, nas atividades específicas da humanidade”,<sup>17</sup> cujo interesse principal era o estudo das línguas e literaturas grega e latina, Anchieta, por meio de seus poemas tupis e da epopeia *De gestis Mendi de Saa*, inovou no horizonte literário do Quinhentismo, ao trazer à tona a realidade local brasílica, e inaugurou a literatura nativista. Esse nativismo embrionário de Anchieta, que séculos depois seria reclamado pelos autores românticos brasileiros como um gesto fundacional de representação da realidade brasílica — contributo fundamental para a futura construção da identidade nacional —,<sup>18</sup> não é desconexo da cena

<sup>15</sup> MONTAIGNE (1948) 41.

<sup>16</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a biografia de Anchieta, consultar: VIOTTI (1980).

<sup>17</sup> PILETTI (2003) 65.

<sup>18</sup> Esse posicionamento crítico sofreu revisões ao longo do séc. XX, como se percebe no arrazoado de Alcmento Bastos: “O indígena brasileiro foi tratado por Anchieta como, antes de mais nada, objeto de uma ação “salvadora”, o que já representava, de início, a afirmação de sua inata inferioridade. A poesia catequética de Anchieta, suas Cartas e o poema épico *De gestis Mendi de Saa* não deixam margem a dúvidas quanto a isso. No dizer de Vilma

cultural europeia. Configura-se, antes, como um desdobramento estético-literário da formação educacional renascentista, que deslocara o centro de interesse das coisas divinas para o próprio homem, promovendo o desenvolvimento das ciências históricas, sociais e naturais. Montaigne, um dos maiores representantes do Renascimento francês, afirmava que o conhecimento da natureza era tão importante quanto a pesquisa da língua materna e da História, buscando reformular a educação e, especificamente, o programa de estudos da formação renascentista.

Anchieta recebeu formação renascentista no Colégio das Artes, onde o germe do seu nativismo seria semeado pelo naturalismo da Renascença coimbrã. Américo da Costa Ramalho, em *Para a história do humanismo em Portugal*, salienta que o estudo da natureza era um aspecto da vida escolar no Colégio das Artes que se relaciona com atividades futuras de Anchieta. Os professores, assim, “*pelos campos se entregavam aos estudos das plantas, ciência a que todos eram muito dedicados e a cujo estudo tinham atraído alguns dos alunos [...]*”.<sup>19</sup> Anchieta frequentou esse ambiente marcado pelo interesse naturalista, o que certamente preparou suas habilidades de poeta que viria a se inspirar na fauna e flora brasílicas para a composição de várias obras. Em 1560, sete anos depois de embarcar para o Brasil, o missionário jesuíta escreveria em São Vicente uma carta em latim sobre os animais e plantas locais. A missiva pode ser considerada o primeiro registro do nativismo em âmbito internacional, uma vez que se antecipava em três anos à publicação em Goa dos *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*, de Garcia Orta.

Embora tencionasse apenas celebrar os altos feitos lusitanos e a missão divina de implantar a fé cristã em solo americano, Anchieta, em função de seu humanismo, de seu profundo interesse pelas “*mais imperceptíveis manifestações da alteridade*”,<sup>20</sup> transcendeu esses objetivos determinados pelos expansionismos de Portugal e da Igreja, produzindo “*a primeira epopeia indígena da América, uma vez que o poema La Araucana,*

---

Arêas, Anchieta esmerou-se no ‘desmantelamento do universo simbólico do indígena’”. BASTOS (s.d.) 27.

<sup>19</sup> RAMALHO (1999b) 187.

<sup>20</sup> PORTELLA (1997) 6.

de Alonso de Ercilla y Zuñiga, [...] só começou a ser editado a partir de 1569”.<sup>21</sup> DGMS, portanto, se não corresponde a uma das mais genuínas realizações poéticas da aventura humana encetada pelo Renascimento, constitui o marco zero da representação indígena na poesia brasileira, não só rendendo frutos ao naturalismo renascentista, bem como enriquecendo o conhecimento do homem da Renascença com a realidade diferenciada dos trópicos, um mundo para além da Europa e do Cristianismo.

### Bibliografia

- Actas do Congresso Internacional “Anchieta em Coimbra — 450 anos. Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (1548-1998)*, Coimbra, 25-29 de Outubro de 1998, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000, 3 vols.
- Actas do Encontro Internacional “Nóbrega Anchieta. Do Colégio das Artes de Coimbra ao abraço no Brasil”* (São Paulo, 6 a 9 de Abril de 1999), in *Voz Lusíada - Anais*, nºs 12-13 (1999).
- ALENCAR, J. (1856), *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Empresa Tipográfica Nacional do Diário.
- ANCHIETA (1958), S.I., Pe. José de, *De Gestis Mendi de Sa*. Poema dos feitos de Mem de Sá. Crítica textual e tradução: Pe. Armando Cardoso, S.I. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- ANCHIETA (1970) S.I., Pe. José de, *De Gestis Mendi de Saa*. Crítica textual e tradução: Pe. Armando Cardoso, S.I. São Paulo: Loyola.
- ANCHIETA (1977) S.I., Pe. José de, *De Gestis Mendi de Saa. Excellentissimo, singularisque fidei ac pietatis Viro Mendo de Saa, australis, seu Brasilliae Indiae Praesidi praestantissimo. Conimbricae. Apud Ioannem Aluarum Typographum regium. MDLXIII* Ed. fac-similada da editio 1563, com introdução de Eduardo Portella. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional.
- BASSOLS DE CLIMENT, M. (1963), *Sintaxis latina*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- BASTOS, A. (s.d.), *Das vergonhas altas e çaradinhas aos pulmões escavados — a presença do índio na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CARDOSO, S.I., Pe. Armando. “Manuscritos e edições do poema”: ANCHIETA, S.I., Pe. José de. *De Gestis Mendi de Saa*. Crítica textual e tradução: Pe. Armando Cardoso, S.I. São Paulo: Loyola, 1970, 62-79.

---

<sup>21</sup> PEREIRA (1997) 12.

- DENIS, F. (1968), *Resumo da história literária do Brasil*. Porto Alegre, Lima.
- KALTNER (2009), L. F., *O IV Livro do Poema "De Gestis Mendi de Saa." Do Pe. José de Anchieta, S.I.: a latinização do Brasil Quinhentista*. Rio de Janeiro, 2009.
- MAGALHÃES, G. (1994). *A Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura.
- MONTAIGNE, M. (1948). "Dos canibais": J. B. Broca (coord.), *Pensadores franceses*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre, W.M. Jackson, 32-48.
- MOREJÓN, J.G. *As intenções poéticas do padre José de Anchieta*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/festas/anchie07.htm>>. Acesso em 23 jun. 2013.
- PEREIRA, P.R. (1997), "De gestis Mendi de Saa: a trajetória de um livro": P. J. de Anchieta, *De gestis Mendi de Saa – edição fac-similar*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 9-23.
- PILETTI, N.; PILETTI, C. (2003), *História da educação*. São Paulo, Ática.
- PORTELLA, E. (1997), "Anchieta sempre": P. J. de Anchieta. *De gestis Mendi de Saa – edição fac-similar*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 5-7.
- RAMALHO, A.C. (1999a), "A obra de Anchieta e a literatura novilatina em Portugal": A. C. RAMALHO, *Para a história do humanismo em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 197-202.
- RAMALHO, A.C. (1999b), "José de Anchieta em Coimbra": A. C. RAMALHO, *Para a história do humanismo em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 171-191.
- VARELA, L.N.F. (1902), *Anchieta ou o evangelho nas selvas; Diário de Lázaro*. Rio de Janeiro, H. Garnier.
- VIOTTI, S.I., Pe. Hélio Abranches (1980), *Anchieta – o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** Anchieta objetivou, em *De gestis Mendi de Saa*, eternizar a ação dos portugueses em terra brasílica. Para além desse argumento histórico, sua epopeia apresenta descrições dos índios e da natureza, que são consideradas o marco zero da poesia nativista. Tais descrições, por sua vez, não se mostram unívocas no que diz respeito ao posicionamento do eu poético. Há momentos em que assumem caráter ora mais objetivo, ora mais subjetivo. Essas discrepâncias constituem, assim, uma peculiaridade da poesia nativista anchietana, que a crítica entende como um nativismo em estado embrionário.

**Palavras-chave:** poesia novilatina; latim renascentista; José de Anchieta; *De gestis Mendi de Saa*; nativismo; representação indígena.

**Resumen:** El objetivo de Anchieta en su *De gestis Mendi de Saa* era tornar eterna la actividad de los portugueses en tierras de Brasil. Aparte de este argumento histórico, su epopeya presenta descripciones de los indios y de la naturaleza a las que se considera el primer hito de la poesía nativista. Tales descripciones, a su vez, no se muestran unívocas en lo que se refiere a la posición del yo poético. Hay momentos en que asumen un carácter bien más objetivo, bien más subjetivo. Estas discrepancias constituyen, así, una peculiaridad de la poesía nativista de Anchieta que la crítica considera un nativismo en estado embrionario.

**Palabras clave:** poesía novilatina; latín renacentista; José de Anchieta; *De gestis Mendi de Saa*; nativismo; representación indígena.

**Résumé:** Anchieta prétendit, dans *De gestis Mendi de Saa*, éterniser l'action des portugais en terre brésilienne. Mis à part cet argument historique, son épopée présente des descriptions des indiens et de la nature qui sont considérées le jalon zéro de la poésie nativiste. Ces descriptions ne sont toutefois pas univoques en ce qui concerne le positionnement du moi poétique. Il y a des moments où elles assument un caractère tantôt objectif, tantôt subjectif. Ces différences représentent, donc, une particularité de la poésie nativiste anchietenne, qui, selon l'avis de la critique, correspond à l'état embryonnaire du nativisme.

**Mots-clés:** poésie néolatine; latin de la renaissance; José de Anchieta; *De gestis Mendi de Saa*; nativismo; représentation indigène.